

III MOSTRA DE FILMES ETNOGRÁFICOS: OLHAR, ESCUTAR E SENTIR A SABEDORIA AMERÍNDIA

ANDRESSA SANTOS DOMINGUES¹; LORI ALTMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – andressadrm@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lori.altmann@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo discorre sobre as exibições de documentários realizadas pela *III Mostra de Filmes Etnográficos: olhar, escutar e sentir a sabedoria ameríndia*¹, durante o primeiro semestre de 2018, bem como realiza uma reflexão sobre o terceiro ciclo, pensando esta ação extensionista na forma de engajamento social. Neste ano, o Projeto tem se construído a partir de uma iniciativa de estudantes do nível de graduação dos cursos de Antropologia e de História junto à coordenadora Profa. Dra. Lori Altmann do Núcleo de Etnologia Ameríndia (NETA), vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

O Projeto faz uso do audiovisual enquanto meio de comunicação, bem como uma possibilidade de se trabalhar com a Lei 11.645/08 de modo amplo. A Lei se resume na implementação de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, com fins de garantir a valorização da diversidade étnico-cultural do Brasil, nos planos políticos-pedagógicos das Instituições de Ensino. Assim, numa perspectiva de interdisciplinaridade, a Mostra de Filmes Etnográficos está ligada à Antropologia Visual, Etnohistória, Arqueologia e nas diversas formas de estabelecer pontes com saberes populares.

De forma a contribuir para a aproximação da diversidade cultural dos Povos Originários do Brasil, a Mostra se propôs a utilizar o audiovisual como recurso e exibir filmes de protagonismo indígena e/ou produção indígena, pensando na relevância que a imagem tem enquanto mediadora em processos sociais. Neste sentido, a antropóloga Sylvia Novaes, em *Imagen, Magia e Imaginação: desafios ao texto antropológico*, nos convida a refletir sobre as possibilidades da antropologia visual e diferentes formas de expressão do conhecimento, pois “se o texto nos diz algo sobre, o filme nos convida a descobrir” (2008: 465).

Partirmos da experiência do audiovisual que tem nos provocado pensar sobre a ética no uso da imagem e em como se reflete no público participante. Novaes (2008), fala sobre este comprometimento ético e os impactos desta

¹ Ao decorrer do texto nota-se o uso de Povos Originários [do Brasil] e Indígenas em predominância. Essa escolha deve-se ao posicionamento da autora frente ao uso político dos termos adotados pelos principais atingidos pela presente discussão: Kaingang, Guarani-Mbyá, Guarani-Kaiowá, Terena, Kulina; como assim se reconhecem entre si. Portanto, resume-se à tentativa de superação de termos adotados pós-colonização, ao passo que a palavra “ameríndios” decorre de situá-los geograficamente em delimitações territoriais estabelecidas neste contato. Andressa Santos Domingues é bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Extensão e Cultura – 2018/PBA Extensão Projetos (EDITAL nº 03/2018).

ferramenta, seja em forma de fotografias ou documentários, instigando o transcender de nossas percepções:

“As imagens favorecem, mais do que texto, a introspecção, a memória, a identificação, uma mistura de pensamentos e emoção. Imagens, como o próprio termo diz, envolvem, mais do que o texto descriptivo, a imaginação de quem as contempla.” (NOVAES, 2008: 465)

Assim, o uso ético da imagem não compreende uma reprodução da realidade, trata-se de uma aproximação, um falar sobre, como Sylvia Novaes expõe em *A Construção de Imagens na Pesquisa de Campo em Antropologia* (2012: 24). A iniciativa do Projeto tem o intuito de experienciar outras formas de transmitir a pluralidade étnico-cultural e, para além, reforçar o uso do audiovisual enquanto uma ferramenta de resistência e expressão dos Povos Originários.

Deste diálogo propiciado junto às produções audiovisuais, voltados para questões indígenas e apropriadas pelos próprios indígenas, o antropólogo, Antonio Zirión em *Diálogos sobre o Cinema Indígena*, fala sobre a “reinvenção da linguagem audiovisual e transcendência das convenções narrativas do cinema ocidental” (2016: 08), pensando num intercâmbio de saberes a partir da perspectiva do nativo. Portanto podemos pensar o audiovisual como um veículo de engajamento social.

2. METODOLOGIA

Organizamos o Projeto quinzenalmente, intercalando entre reuniões de equipe e exibições. A Mostra contou com a presença de indígenas como debatedores nos três encontros. Cada encontro foi programado para acontecer em uma hora e meia, nos intervalos entre turnos e dividido entre exibições de até 30 minutos, seguido de uma conversa, perguntas e respostas acerca do filme exposto, que duravam em torno de 40 minutos. A parceria do local dos encontros foi estabelecida com o Cine UFPel, ocorrendo então na sala de cinema do prédio conhecido como Lagoa Mirim.

A Mostra de Filmes Etnográficos se insere, neste ano, como um evento em parceria com a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), em vista do Curso de Extensão "Histórias e Culturas Indígenas", oferecido pela mesma em julho de 2017, ter previsto a realização de um projeto final. Este curso possibilitou grandes parcerias não só com a Unila como, também, com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), fornecendo subsídios para a continuidade deste Projeto. Contamos também com o apoio do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/ UFPel) e Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PREC/ UFPel).

Com caráter de ação extensionista, as exibições da Mostra têm sido divulgadas amplamente em locais da cidade de Pelotas, de modo a atingir um público diverso, bem como tem recebido um número satisfatório de pessoas. Até o momento somam-se 80 pessoas diretamente atingidas, dentre elas: professoras e professores da rede municipal de ensino de Pelotas; professoras

e professores da UFPel, da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e da Universidade Católica de Pelotas (UCPel); estudantes de graduação e de pós graduação das áreas de Geografia, Música, Serviço Social, Antropologia, Arqueologia, Ciências Sociais, Odontologia, Letras, Conservação e Restauro, Teatro, História, Jornalismo, Educação Física, Filosofia e Gestão Ambiental, tanto da UFPel quanto da UCPel.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto teve sua primeira edição realizada no ano de 2011 e o segundo ciclo foi realizado na sequência, em 2012, contabilizando sete encontros com filmes que abordaram diversas temáticas relacionadas às etnias Guarani-Mbyá, Kaingang, Charrua, Assurini, Kulina e Tukano como, por exemplo, interculturalidade e educação, patrimônio intangível e cultura material, cosmologia e ritual, autodemarcação; e contou com convidadas e convidados professoras/es, como: Maria Aparecida Bergamaschi (Educação UFRGS), Lori Altmann (Antropologia UFPel), Loredana Ribeiro (Arqueologia UFPel), Fabíola Silva (Etnoarqueologia USP) José Otávio Catafesto (Antropologia UFRGS), Martin Tempass (Antropologia FURG), Rogério Rosa (Antropologia UFPel), Rafael Milheira (Arqueologia UFPel).

Esta edição da Mostra de Filmes Etnográficos têm feito circular temas transversais que permeiam os diferentes modos de ser e viver dos Povos Originários do Brasil, propiciando, em diferentes espaços da Universidade, diálogos interdisciplinares a partir de uma experiência audiovisual de percepção da diversidade étnico-cultural. Tivemos a oportunidade de escutar e dialogar diretamente com as e os indígenas convidadas/os sendo elas/es estudantes da UFPel da graduação e pós-graduação: Laísa Erê Kaingang (mestranda no PPGAnt); Abicai Moreira (cursando Licenciatura em Educação Física); Graziela Cavalheiro da Silva (graduanda em Enfermagem); Rodrigo Laranjeira (graduando em Enfermagem); além das participações da liderança Tuxá do Setor Bragagá/MG, a Pajé Analice Maia e do advogado da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Luiz Eloy Amado, do povo indígena Terena/MS.

Dentro das propostas internas do Projeto de construção conjunta, pedimos que as/os convidadas/os sugerissem o que seria projetado. Assim, fomos contempladas/os com documentários que falam sobre a valorização dos saberes ancestrais e a importância da transmissão entre gerações dos mesmos, como no documentário *Sabedoria Kaingang*, dirigido por Karina Emerich e Rogério Rosa; registros da recuperação de um ritual ancestral de união Xakriabá de Minas Gerais, em *Damröze Akwe - amor e resistência*, de Guilherme Cavalli; e de lutas constantes pelas terras de povos no Mato Grosso do Sul como os Guarani Kaiowá em *À Sombra de um Delírio Verde*, de An Baccaert, Cristiano Navarro e Nicola Mu.

Frente à toda divulgação e expectativa por parte da organização de fazermos um ciclo amplamente participativo, fomos procuradas por um jornalista do Jornal Popular, jornal impresso e digital que abrange a cidade de

Pelotas e região, para uma entrevista dias antes da primeira exibição. Nesta entrevista surgiram questões de como o ciclo está sendo organizado, a importância da inclusão de indígenas em iniciativas da universidade, entre outras, que foram fundamentais para fazermos outras reflexões sobre nossos objetivos com a Mostra e para nossas próprias experiências ao lutar pela causa indígena. Para o segundo semestre de 2018 tem-se pensado numa dinâmica semelhante da primeira parte deste terceiro ciclo, visto que a proposta foi bem recebida pelo público participante.

4. CONCLUSÕES

A III Mostra de Filmes Etnográficos ao se propor a apresentar e discutir diversas temáticas do cotidiano dos Povos Originários, se compromete a colaborar na construção de referenciais para refletir criticamente sobre as imagens veiculadas na mídia, as emergências políticas e socioculturais destes povos.

Este Projeto tem nos permitido pensar sua implicação na universidade, num movimento de fora para dentro a UFPel foi uma das últimas universidades públicas a introduzir ações afirmativas. A participação de convidadas e convidados indígenas tem sido um diferencial neste ciclo, somando-se às perspectivas expostas nos documentários, as vozes e as presenças destas figuras protagonizando, mais uma vez, nos seus espaços de fala.

Termos a presença dos próprios estudantes indígenas da universidade na sessão de abertura foi o ponta-pé inicial que gerou uma grande motivação para a continuidade dos ciclos. A demanda não é por uma mera inclusão da temática frente a toda discussão apresentada neste texto, mas para que ocorra um efetivo diálogo intercultural de saberes. Os saberes indígenas devem fazer parte deste conjunto de saberes transmitidos na universidade e produzidos pela humanidade como um todo. A diversidade se expressa na presença dos sujeitos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Lori (Coordenadora). III Mostra de Filmes Etnográficos: olhar, escutar e sentir a sabedoria ameríndia, Código do Projeto, 931. 2018.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 2, p. 455-475, Oct. 2008.

NOVAES, Sylvia Caiuby. A Construção de Imagens na Pesquisa de Campo em Antropologia. **Revista Iluminuras**. Porto Alegre, v. 13, n. 31, pp. 11-29, jul./dez., 2012.

ZIRIÓN, Antonio. Prólogo. México, n.007, p. 5-7, 2016. IN: CARELLI, V.; ECHEVARRÍA, N.; ZIRIÓN, A. Diálogos Sobre o Cinema Indígena. **Los Cuadernos 23**, México, n.007, p. 4-40, 2016. Link: <http://cuadernos.cinema23.com/cuaderno-007/?pag=5>